

## MUNDO DOS TRABALHADORES desafios e limites na produção historiográfica

Carlos Meneses de Sousa Santos<sup>1\*</sup>

---

VARUSSA, Rinaldo José (Org.). *Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea*. Cascavel: Edunioeste, 2009.

---

Ao buscarmos compreender o modo como os diversos trabalhadores constituem-se socialmente, ao viverem as cidades e os campos, propomos dialogar com experiências que apontam para uma movimentação social marcada pela desigualdade, mas também por diferenças e contradições que sugerem um campo complexo de relações e de tensão. Essa dinâmica nos provoca a repensar, constantemente, o fazer-se da produção do conhecimento histórico. Processo que participamos a partir de nossos supostos, com a realização do nosso trabalho e produção de nossas pesquisas.

Nesse sentido, a coletânea – *Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos: temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea* – apresenta mais algumas páginas desse esforço, apresenta o comprometimento em reconhecer a atuação dos trabalhadores enquanto sujeitos históricos. Um reconhecimento que não se estabelece por mera condescendência de classe, mas pela constatação da movimentação desses sujeitos na sociedade que compartilhamos. Nesse caminho, a inquietação diante as desigualdades é a identificação que os autores propõem estabelecer com esses sujeitos. Esse parece ser o valor mais contundente dos textos que apresento.

---

1 \* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Unidade de Itumbiara. E-mail: menesesufu@yahoo.com.br.

Ao fazerem esses diálogos, os autores tratam de greves, de trajetórias ocupacionais, dos encantos e desencantos com a vida nas cidades, assim como de migrações forçadas, procedimentos de pesquisa e escrita da história que chamam a atenção para a necessidade de deslocarmos nossos olhares de uma certa noção de *mundo do trabalho* para *mundo dos trabalhadores*, eis um desafio que me parece bastante provocador.

Os trabalhos apresentam, em comum, a opção metodológica de pesquisa com as fontes orais. Apontam para procedimentos que sugerem modos de incorporação dessa documentação ao debate historiográfico e, ao mesmo tempo, indicam possibilidades de identificações de práticas de sujeitos que, de outro modo, dificilmente seriam evidenciadas historicamente. Os autores veem nas entrevistas possibilidades de dialogar com as questões e contradições da sociedade capitalista, na constituição de mudanças e permanências no processo histórico. No trato das fontes orais potencializam, enquanto protagonistas, trabalhadores que pautam interesses e expectativas no campo de forças sociais.

O texto de Alessandro Portelli, *Terni em greve: 2004*, abre a coletânea instigando-nos a perceber como os operários de uma empresa multinacional alemã, localizada na cidade italiana, conseguiram a identificação de outros moradores da cidade diante da possibilidade de perderem seus empregos, devido o projeto de transferência da planta para um outro lugar. O autor destaca a relação construída a partir de expectativas atravessadas pela tensão de classe, mas contraditoriamente unificadas no reconhecimento de um antagonista comum.

O literato, que apresenta uma trajetória de comprometimento com a construção de uma História Oral enquanto gênero de produção do conhecimento e atuação política, oferece, ainda, uma interpretação sobre um processo histórico em que associa a greve de 2004 a uma outra que ocorreu em 1953. A interpretação lança questões para se pensar a tradição de luta dos operários em Terni, mas, também, sugere indagações sobre a historicidade de um certo projeto hegemônico de globalização. Na construção desse caminho, ganham destaque as noções de narrativas e memórias.

Já o texto de Antônio de Pádua Bosi e Rinaldo José Varussa, *O trabalho em disputa*, provoca nossa reflexão ao perguntarem se, para os trabalhadores, o trabalho se apresenta como um direito. Os autores, dialogando com parte da literatura que marcou a discussão sobre trabalho e trabalhadores no Brasil, buscam pensar como as mudanças no mundo do trabalho, a partir do final do século XIX, não se fazem de modo homogêneo, assim como não são recepcionadas de modo incondicional pelos trabalhadores.

Os autores trazem, no foco da narrativa, a discussão sobre a noção de “direito”. Apontam que as lutas dos trabalhadores, apreendidas nas experiências da movimentação social, indicam um campo de expectativas mais amplo, problematizando a perspectiva que naturaliza a disputa por interesses como uma prática decidida antes mesmo de sua confrontação social, ou ainda, circunscrita ao limite da lei e da esfera do Estado. Com esse encaminhamento de incômodos, colocam como desafio, na produção do conhecimento histórico, “entender as mudanças ocorridas no mundo do trabalho como experiências vivenciadas pelos trabalhadores em relação à produção e aos sujeitos do capital”.

Esse procedimento coloca em evidência o trabalho de pesquisa dos autores, o qual busca discutir o que consideram como trajetórias ocupacionais vividas por sujeitos que exercem um trabalho degradado. Nesse caminho, a noção de identidade profissional ganhou destaque frente ao interesse político de dialogar com as avaliações produzidas pelos próprios trabalhadores.

Por sua vez, Davi Félix Schreiner, em seu texto *Terra e cultura: resistência coletiva e organização social dos reassentados de Salto Caxias-PR*, dedica-se a pensar como trabalhadores rurais lidaram com a pressão da migração forçada por que passaram. O autor vai destacar que “o que passaram” se constituiu a partir de uma movimentação social marcada pela desigualdade. Uma condição que impôs limites aos seus modos de vida, mas que não retirou a potência histórica da atuação desses sujeitos, os quais se organizaram na confrontação com os projetos dos empreendedores da barragem durante a década de 1990.

O autor enfatiza, por meio de uma pesquisa significativa,

o que aponta como um processo de construção da “identidade política dos atingidos” frente à efetivação da barragem. Nesse caminho, sugere o que considera como a “construção de um sujeito coletivo”, forjado na resistência dos trabalhadores, a qual procurou lidar com a imposição dessa mudança a partir do que percebiam como alternativas possíveis.

No entanto, ao tratar da construção da associação representativa, do relacionamento entre os trabalhadores rurais a partir dos modos como viviam, não foge das contradições, dos conflitos e das dissidências vividas entre os trabalhadores. Apesar da ênfase atribuída às noções de organização, ação coletiva e identidade política, não deixa de indicar um processo de hesitações, reconhecendo que “os diferentes sujeitos, [...] com experiências diversas, não interpretaram os efeitos da construção da usina de forma homogênea”.

O texto de Paulo Roberto de Almeida, *Os trabalhadores e a cidade: reflexões sobre o uso das fontes orais*, apresenta como questão central as possibilidades históricas construídas por trabalhadores ao lidarem com as pressões da desigualdade social. O autor dialoga, através de sua pesquisa, com as narrativas de sujeitos que migraram para a cidade de Uberlândia-MG buscando melhores condições de vida, mas que recolocaram suas expectativas de uma vida melhor no retorno ao campo.

Paulo Roberto de Almeida evidencia a trajetória de trabalhadores que retornaram ao campo por meio de movimentos organizados de luta pela terra. O autor interpela os sujeitos com quem se relacionou durante os diálogos estabelecidos, nas entrevistas que produziu, questiona sobre as imagens de cidade que os instigaram a buscá-la enquanto expectativa de mudança, ao mesmo tempo em que discute as experiências sobre a cidade que os fizeram considerar o retorno ao campo.

O procedimento metodológico de construção do trabalho destaca reflexões sobre a produção e o uso das fontes orais. Aponta para possibilidades de investigação e interpretação na escrita da história por meio da discussão com essas narrativas. O texto se coloca no debate sobre a legitimidade e a pertinência

desse caminho, assim como na polêmica que esse procedimento desperta, “especialmente no meio acadêmico”.

Seguindo esse propósito de pensar os processos de mobilização e movimentação dos sujeitos sociais, Sarah Lurkiv Tibes Ribeiro em *Mobilização e Resistência: os Guarani no Oeste do Paraná e a Luta pela Terra*, traz uma discussão onde elege a prática de luta pela terra produzida em contraposição ao projeto de construção da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional. Uma tensão que incitou os moradores da região, em especial os Guarani, a se movimentarem pela região e se verem na trama “do avanço inexorável do capitalismo”, instigando a autora a problematizar essa “disputa territorial”.

O enredo desse processo destaca “as maneiras através das quais [os Guarani] se vinculam, elaboram, significam e, muitas vezes, subvertem a lógica do capital”. Com esse repertório de questões Sara Ribeiro destaca as contradições e potencialidades desses sujeitos. Sua atenção volta-se para a dinâmica de mudanças e permanências desse território e dos modos de viver dos Guarani, ultrapassando a assinatura de um acordo, colocando em evidência a constante correlação de forças que determinam o modo de lidar com certos costumes na sociedade capitalista.

Para a escrita desse trabalho, a autora dialoga com os indígenas, seus valores e anseios, abrindo algumas trincheiras de enfrentamentos: apresenta pautas de exigências e expectativas, ressalta os Guarani intervindo nos rumos e nas práticas de transformação do lugar em que viviam e vivem, alinhava pressões e legitimidades de lutas, vendo o papel da FUNAI como parte desse caminho de mudança. A historicidade dessa luta passa também pelos novos abrigos e alternativas, tanto as outras “áreas guaranis” de países vizinhos que são ocupadas, como as lutas associadas a diferentes instituições e organizações não governamentais. Produção de um percurso que não é tranquilo e é, insistentemente, disputado ao ser vivido e transformado.

Fechando a coletânea, o texto de Yara Aun Khoury, *Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores: história e historiografia*, apela, explicitamente, para uma mudança de perspectivas. Indica,

no reconhecimento de uma certa trajetória de produção do conhecimento histórico, o interesse de recolocar questões sobre o modo como os trabalhadores vivem e lutam na contemporaneidade.

A autora fala da necessidade de se reconhecer, assim como das dificuldades de se lidar, com as diferenças e as diversidades engendradas no embate de forças sociais. Sugere que ao se olhar para “o mundo do trabalho”, tendo como marco o processo de produção em que certos trabalhadores estão presentes, ignorou-se muito dos modos como os trabalhadores viveram e vivem, dificultando a compreensão dos modos como valoram e constroem suas condutas e posicionamentos.

O reconhecimento da composição da experiência social dos trabalhadores em um campo mais amplo que o da realização do trabalho, exige que o horizonte de visão esteja menos marcado pelo determinismo econômico, assim como se apresente menos delimitado por uma certa noção de classe pouco afeita ao reconhecimento da dinâmica social. A movimentação dos trabalhadores desafia a compreensão estática e analítica de noções que não reconhecem a atuação histórica de trabalhadores que são rasurados em generalizações, ou mesmo apresentados como coadjuvantes em um processo histórico, o qual define sua existência antes mesmo de existirem enquanto sujeitos sociais.

A autora, no indicativo de adentrarmos “ao mundo dos trabalhadores”, sugere algo a ser explorado, desafiando investigações e posicionamentos contemporâneos que estejam dispostos a reconhecer um social menos categorizado e mais imbricado. Um processo integral que reúne o modo de vida e luta de trabalhadores em um campo social partilhado, na desigualdade e na tensão de classes, mas também nas diferenciações e contradições de um processo que continua aberto e em disputa.

A reunião dos textos indica esforços de pesquisa que apontam seus próprios limites, os quais provavelmente instiguem novos desafios. Assim, penso que a proposta de enfrentamento de “temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea” tenha sido bastante provocadora.